DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E CRISE DE HEGEMONIA Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

"NEM DE BALA, NEM DE FOME, NEM DE COVID": população negra e as lutas sociais em tempos pandêmicos

Daniela de Carvalho Ciriaco¹

RESUMO

Historicamente, é possível constatar as inúmeras violências impostas aos corpos negros em território brasileiro. Em um contexto de pandemia essas violências se intensificam, seja pelas medidas adotadas em relação à disseminação do vírus ou também pela ausência delas, o que podemos denominar de necropolítica. No entanto, esse processo não aconteceu e não acontece sem que a população negra se organize e lute pelos seus direitos. Diferente do discurso oficial, o povo negro escancara como a passividade nunca fez parte de seu legado. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar as lutas e manifestações organizadas no Brasil, durante a pandemia e quais as contribuições que delas decorrem tanto na dimensão material, como nos aspectos subjetivos, na consciência e formação da população negra e da sociedade geral.

Palavras-chave: População Negra. Necropolítica. Lutas sociais.

ABSTRACT

Historically, it is possible to see the countless violence imposed on black bodies in Brazilian territory. In a pandemic context, this violence intensifies, either because of the measures adopted in relation to the spread of the virus or also because of their absence, which we can call necropolitics. However, this process did not happen and does not happen without the black population organizing and fighting for their rights. Unlike the official discourse, black people reveal how passivity was never part of their legacy. In this sense, this work aims to analyze the struggles and demonstrations organized in Brazil during the pandemic and what contributions result from them both in the material dimension and in the subjective aspects, in the awareness and formation of the black population and society in general.

Keywords: Black population. Necropolitics. Social struggles.

1 INTRODUÇÃO

¹ Universidade Federal de Uberlândia; Mestra em Serviço Social; carvalho.danielaphn@gmail.com.

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

No mês de julho celebramos o dia da mulher negra latino-americana e caribenha, este ano com o tema: "Para o Brasil genocida, mulheres negras apontam a solução!". O tema vem de forma acertada evidenciar e combater o genocídio da população negra que tem se intensificado neste contexto da pandemia da covid-19.

Os números comprovam a afirmativa. A primeira pessoa a morrer de covid-19 no Brasil foi uma mulher negra periférica e trabalhadora doméstica. Dado que vai se repetir, porque embora formalmente a abolição aconteceu, não houveram medidas concretas econômicas, políticas e sociais de inserção da população negra nos diversos espaços da sociedade brasileira.

No pós abolição, no mercado de trabalho temos que as vagas começam a ser ocupadas por homens brancos e europeus. Na questão do acesso à terra não temos nenhuma garantia, não foi realizada uma reforma agrária e sem acesso à educação formal, a população negra foi entregue à própria sorte.

Ao contrário, esse cenário pós-abolição manteve estáticos os processos de desigualdade e violações vivenciados pela população negra, visto que com o processo de expansão do capitalismo no Brasil, sobretudo após os anos 1930, houve um aceleramento da urbanização/industrialização e isso refletiu diretamente na favelização da população negra e pobre nos grandes centros urbanos (MOREIRA, 2020, p. 31).

Estes elementos históricos são fundamentais para compreendermos a realidade contemporânea. À população negra foram reservados os trabalhos mais precários, as piores condições de habitação, saúde, transporte e educação, quando também, essas piores condições também não lhe foram negadas.

Embora estejamos em outro contexto, não mais em um sistema colonial, como apontado por Quijano (2005) permanece o que é denominado por colonialidade, que é a continuidade do padrão de dominação que tem como base o racismo.

Deste modo, se hoje temos que a população negra é a que mais morre pela covid-19, não é por questões biológicas e sim por uma questão estrutural. A população negra, de acordo com o IBGE, é o grupo que tem maior dificuldade de acessar o mercado de trabalho, a população negra é majoritária nos trabalhos informais e com menores rendimentos.

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios contínua divulgada pelo IBGE em 2020, a população negra representa 72,9% dos desocupados do país, chegando a um total de 13,9 milhões de pessoas em situação de desemprego.

Poderíamos sinalizar diversos dados que ratificam essa desigualdade racial e social de tão profunda e estrutural que ela é. No entanto, esses dados se mostram suficientes para a discussão que nos propomos, já que evidencia que o fato do número de mortes entre a população negra ser superior advém do racismo estrutural e seus desdobramentos, institucional e individual (ALMEIDA, 2019) e de um projeto de morte do Estado brasileiro que vem ao longo dos anos se reinventado e constituindo novas formas de ceifar as vidas negras.

As balas perdidas sempre encontram os corpos negros. Conforme apresentado pelo Estudo da Rede de Observatórios de Segurança Pública a população negra é a maior vítima da violência policial. Em 2019, 86% dos mortos pela polícia do Rio de Janeiro eram negros.

Por outro lado, como já nos sinaliza Conceição Evaristo (2017) "Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer", buscaremos com este estudo analisar as manifestações e lutas organizadas pela população negra durante a pandemia. Isto se faz necessário, porque diferente do que nos diz a história única (ADICHIE, 2018) contada pelos colonizadores brancos europeus, a população negra resiste, luta e se organiza para pautar seus direitos.

Essa luta e organização vem desde o período de escravização com a construção dos quilombos e segue ao longo da história brasileira por meio de movimentos históricos que vão trazer para a cena política o debate do racismo.

Neste contexto de pandemia, de profundos ataques aos direitos sociais da classe trabalhadora, que tem cor, não seria diferente. Diversos coletivos, movimentos e organizações tem se juntado e construídos mobilizações nacionais contra o genocídio da população negra.

Para alcançar o objetivo proposto, faremos uma discussão acerca do que vem sendo denominado como necropolítica e como esta tem sido operada neste contexto pandêmico. Faremos um breve resgate das lutas históricas da população negra,

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

apresentando alguns movimentos e organizações e traremos a exposição dos atos e manifestações construídas nacionalmente durante a pandemia a fim de discutir o que essas lutas significam e quais são suas contribuições na dimensão material e subjetiva da população negra.

Partimos da concepção que não é possível falar de capitalismo sem falar em racismo e de racismo sem falarmos de capitalismo como já nos sinalizou Malcom X. Nesta direção, a construção teórica aqui apresentada se constitui a partir de um olhar da totalidade, que compreende as inúmeras mediações e relações complexas que estruturam essa sociedade. Portanto, temos como base o materialismo histórico dialético, sem considerá-lo único capaz e suficiente para interpretar a realidade.

2 MORRER DE FOME OU DE CORONA?

Conforme apontado por Santos (2020), o que vivenciamos agora não é algo que podemos considerar como crise, porque não é excepcional, não diz de um momento, mas sim de um projeto que vem sendo consolidado com o neoliberalismo. Não é sobre um vírus que consegue dominar a humanidade, mas como este projeto de sociedade tem outras prioridades que se concentram na esfera financeira.

Esta financeirização da vida atinge todas as esferas: a saúde, a educação, o transporte, a moradia, o trabalho. Davis et al. (2020) sinaliza que o desmonte da saúde pública vem sendo a regra dos últimos 20 anos. A falta de investimento, os cortes orçamentários em materiais de uso básico e de recursos humanos se evidenciam com a pandemia, mas já se realiza há tempos consideráveis.

É nítida a forma como nesta sociabilidade o lucro se sobrepõe ao direito e a rentabilidade à vida. Este sistema se intensifica com a pandemia, mas não é proveniente dela, suas raízes são anteriores e estão fincadas na lógica da desigualdade, da exploração e da opressão. E por que isto nos interessa?

Conforme apontado por Davis et al. (2020) a pandemia traz a sensação de uma vivência universal, já que o vírus atinge ricos e pobres, brancos e negros, mulheres e homens, crianças, jovens e adultos. No entanto, embora ninguém esteja imune ao

















TRABALHO ALIENADO, Destruição da Natureza e Crise de Hegemonia

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

vírus, a forma como cada sujeito vai vivenciar esse período já é pré-determinada pela intersecção das opressões que estruturam este sistema.

No Brasil, a divulgação dos dados racializados de mortalidade por COVID-19 só tiveram início após a solicitação e pressão exercida pela Coalizão Negra por Direitos. Esta ausência dos dados referentes à população negra sinaliza quão atuais permanecem as tentativas de invisibilização da população negra. Invisibilidade que gera morte.

O primeiro caso confirmado no Rio de Janeiro evidencia essa disparidade. Era uma empregada doméstica. Morreu porque não lhe avisaram que a patroa estava com covid-19. Cleonice Gonçalves, mulher de 63 anos, preta e periférica. A pandemia tem alvo certo. O mesmo alvo das balas perdidas que sempre encontram corpos negros.

A Organização Mundial da Saúde e demais órgãos competentes recomendam o isolamento social como medida de prevenção e contenção de contaminação. Mas, isolamento para quem, se não é garantido o acesso à moradia, à alimentação, à saúde, à educação, à renda básica, às mínimas condições de reprodução social? À população negra e pobre é apresentado dois caminhos: morrer de corona ou morrer de fome.

A indicação por parte da OMS para trabalhar em casa e em autoisolamento é impraticável, porque obriga os trabalhadores a escolher entre ganhar o pão diário ou ficar em casa e passar fome. As recomendações da OMS parecem ter sido elaboradas a pensar numa classe média que é uma pequeníssima fracção da população mundial. O que significa a quarentena para trabalhadores que ganham dia-a-dia para viver dia-a-dia? Arriscarão desobedecer à quarentena para dar de comer à sua família? Como resolverão o conflito entre o dever de alimentar a família e o dever de proteger as suas vidas e a vida desta? Morrer de vírus ou morrer de fome, eis a opção (SANTOS, 2020, p. 17).

O racismo é estrutural e estruturante das relações (ALMEIDA, 2019), assim, ainda que todos estejam suscetíveis ao vírus é o racismo que determina quem terá acesso ao sistema de saúde, quem poderá trabalhar remotamente garantindo a manutenção dos salários, quem terá uma moradia que possibilite o isolamento social, quem terá água e sabão para fazer a higienização.

É nesta direção que Santos (2020) discorre acerca de como a pandemia atinge de diferentes formas grupos específicos. Grupos que já se constituem, em momentos

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

não pandêmicos, como os que mais sofrem com os ataques constantes dessa estrutura de dominação e exploração materializada na tríade: capitalismo, colonialismo e patriarcado.

3 A NECROPOLÍTICA: do deixar morrer ao matar

Como já sinalizado, vivenciamos cotidianamente o extermínio da população negra que opera de distintas formas, seja por meio da violência policial, pela ausência de acesso à saúde, saneamento básico, alimentação adequada, entre outros.

Todos os dias a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado, mas esse dado não ganha as mídias sociais e não tem a mesma repercussão que a morte de pessoas brancas.

Isto se dá, dentre alguns elementos, pelo processo de escravização conferir às pessoas negras o estatuto de objeto e retirar toda a sua humanidade. Temos então a naturalização da morte, da violência, do assassinato da população negra, porque já que nem são consideradas pessoas, está tudo bem. Esse imaginário coletivo contribui para a perpetuação do racismo e de todas as formas de violência que ele implica.

Nesta direção, acerca do processo de genocídio da população negra, Mbembe (2020) traz a discussão acerca do que pode ser denominado de necropolítica. O autor constrói este conceito com base na noção de biopoder de Foucault. Para Foucault, por volta do século XVII, temos uma forma de poder que vai ter como centralidade a vida. Assim, a biopolítica vai atuar sobre a vida a partir do controle dos corpos dos indivíduos com base em dispositivos de segurança a fim de normalizar e afastar os perigos da população. Em linhas gerais, a função da biopolítica é "fazer viver e deixar morrer". (NEGRIS, 2020). Desse modo, ainda que na biopolítica a centralidade seja a vida, não é a vida de qualquer pessoa que se deixa morrer. A distinção entre o fazer viver e deixar morrer é feita com base na questão racial.

O racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder 'este velho direito soberano de matar'. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado (MBEMBE, 2020, p.18).

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

Esses mecanismos do biopoder estão presentes no funcionamento e estruturação de todos os Estados modernos. Isto porque todo terror, crueldade e violência presentes na modernidade remetem ao processo de escravização, que de acordo com Mbembe (2020) pode ser considerada uma das primeiras manifestações da biopolítica.

Na biopolítica, que tem como centralidade a preservação da vida, o racismo enquanto tecnologia de poder vai determinar quais são os corpos que podem morrer, sob o discurso que para preservar a vida é necessário eliminar os inimigos, as ameaças à continuidade e evolução da espécie.

De acordo com Negris (2020) é importante sinalizar que a necropolítica não é uma simples variação ou continuidade da biopolítica. Ela se caracteriza como um processo que tem a sua emergência no processo de colonização dos povos da África e das Américas que é o pilar fundamental para constituição da modernidade europeia. A necropolítica impera na atualidade tendo a morte como mecanismo central que opera na política global.

Se, de um lado, Foucault enxergou na experiência do nazismo e do socialismo um paradoxo biopolítico; por outro lado, desde o processo de colonização europeia na Modernidade, a necropolítica operou por outros meios, tais como estados de exceção, disseminação da morte, infringência de dor aos corpos subjugados, proliferação do terror e do sacrifício à população dos povos conquistados (NEGRIS, 2020, p. 98).

Se a biopolítica é essa ferramenta de gestão e controle da vida, a necropolítica é a gestão da morte. Em suas formulações, Mbembe (2020) acrescenta à noção de biopoder a questão da soberania. A soberania compreendida como a articulação entre estado de exceção e a ideia de um inimigo, portanto, uma tecnologia voltada para o massacre e destruição dos corpos.

Neste sentido, a necropolítica é uma ferramenta de poder que na atualidade aparece combinada com a governança neoliberal e se apresenta por meio de práticas discriminatórias, discursos de ódio, extermínios étnicos, evidenciados por meio do genocídio da população negra e indígena.

É possível afirmar que o neoliberalismo combina a biopolítica e a necropolítica. A biopolítica impera nos países centrais, com economia avançada, possibilitando



PROMOTORES















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

melhores condições de vida aos indivíduos. Já nos países periféricos, temos a necropolítica que se configura pelo abandono de políticas públicas de saúde, moradia, saneamento e o investimento em máquinas de guerra.

A classificação da população negra como inferior, atrasada, incapaz, criminosa vai ser elemento fundamental para "justificar" seu extermínio. É nesta direção também que podemos compreender a questão do sistema carcerário. De acordo com os dados do Anuário da Segurança Pública referente a 2019, 67% da população carcerária é negra. Isto evidencia que as instituições de controle que exercem o poder é pautada pelo isolamento e eliminação dos corpos negros.

O racismo precisava ingressar no sistema punitivo do Estado para que fosse permitido o direito de morte, encarceramento e o isolamento do criminoso. O criminoso é uma ameaça a própria raça, uma vez que ele expõe a população ao perigo. Esse mesmo mecanismo do racismo pode ser identificado na condenação à morte ou na prática de isolamento dos criminosos. Ele também é verificado no tratamento dos loucos ou quanto aos portadores de anomalias diversas. Em todos esses casos, a tese do evolucionismo (racismo) será condição para matar (NEGRIS, 2020, p. 86).

Como materialização desse processo poderíamos mencionar inúmeros dados e elementos do cotidiano da população negra, os quais evidenciam que a noção de uma biopolítica já não dá conta da realidade, visto que o deixar morrer tomou proporções avassaladoras e radicais atingindo grandes contingentes populacionais de tal modo que não é possível que falemos em uma política e gestão da vida que deixa morrer, sendo necessário compreender que o que impera, é na verdade, é a gestão da morte, é um necropoder que decide que as vidas negras e periféricas devem ser mortas, processo que se agudiza com este contexto de pandemia.

Os ossos de nossos antepassados colhem as nossas perenes lágrimas pelos mortos de hoje/Os olhos de nossos antepassados, negras estrelas tingidas de sangue, elevam-se das profundezas do tempo cuidando de nossa dolorida memória/A terra está coberta de valas e a qualquer descuido da vida a morte é certa/A bala não erra o alvo, no escuro um corpo negro bambeia e dança. A certidão de óbito, os antigos sabem, veio lavrada desde os negreiros (EVARISTO, 2017, p. 17).

Quando em nome da economia, o governo brasileiro expõe à morte milhares de brasileiros, qual poder está operando? Quando defende a abertura do comércio em um contexto de alta disseminação da covid-19? Quando afirma a necessidade do

















TRABALHO ALIENADO, Destruição da Natureza e Crise de Hegemonia

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

isolamento, mas não garante a renda necessária à sobrevivência? Quando nega diversas ofertas de compra de vacina que cientificamente é o único caminho para diminuição do contágio? Como apontado por Carvalho e Ortegal (2021, p. 130) "quais são os corpos expostos a toda sorte de eminência de morte, e em quais territórios. A manutenção da vida de um grupo social racializado como branco, é forjado na morte negra" (CARVALHO; ORTEGAL, 2021, p. 130).

4 TUDO ISSO NÃO SEM LUTA

Historicamente e sistematicamente, a população negra têm sido alvo constante das mais variadas formas de violência. Como sinalizado no tópico anterior, presenciamos um genocídio da juventude negra e do povo negro e isto é naturalizado.

No entanto, essa violência não é algo específico desse momento. Ela se sustenta no racismo e remonta ao período de escravização. Diante de toda a desumanização da população negra nesse período, diferente do que nos conta a história dita oficial e sobre isso Adichie (2018) nos alerta para o perigo da história única, a população negra não aceitou servilmente. Pelo contrário, construiu diversas formas de luta e resistência contra o sistema imposto.

Neste período se destaca a construção dos quilombos, que de acordo com Nascimento (2018), é mais que uma resistência ao sistema escravista, é um sistema social que rompe com a lógica e dinâmica vigente naquele momento e que vai existir concomitante ao processo de escravização.

Segundo a mesma autora, os quilombos continuam existindo e resistindo com novas configurações, novos formatos e construindo diversas formas de luta por meio da cultura, da arte, da música e da ciência.

Ao contrário do que me foi ensinado e do que ainda hoje se ensina nas escolas, o Quilombo não foi uma tentativa de rebelião pura e simples contra o sistema escravocrata. Foi também uma forma de organização política e social com implicações ideológicas muito fortes na vida do negro no passado e que se projeta, após abolição no século XX. [...] Sobrevive, não na sua forma original, mas como uma tradição de vida do negro brasileiro. O fundamental é que essa é uma forma de vida do negro brasileiro em qualquer época (NASCIMENTO, 2018, p. 98).

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

Além da presença dos quilombos, teremos diversas organizações e movimentos que foram e são fundamentais para a conquista de direitos da população negra. Podemos destacar a Frente Negra Brasileira, que surgiu em São Paulo como uma associação política, informativa e recreativa e que desempenhou papel fundamental na área da educação.

O Teatro Experimental do negro que surge para contestar a discriminação racial presente na sociedade brasileira e formar atores, atoras e dramaturgos para resgatar a herança africana no Brasil. Além desse contexto formativo no nível da atuação, o TEN foi responsável pela alfabetização de diversos segmentos de trabalhadoras domésticas, de operários, desempregados, favelados e tinha explícito em seu programa:

A reivindicação do ensino gratuito para todas as crianças brasileiras, a admissão subvencionada de estudantes negros nas instituições de ensino secundário e universitário - onde esse segmento étnico-racial não entrava devido à imbricação entre discriminação racial e pobreza -, o combate ao racismo com base em medidas culturais e de ensino e o esclarecimento de uma imagem positiva do negro ao longo da história eram pontos importantes do programa educacional dessa organização (NASCIMENTO, 2004 apud GOMES, 2017, p. 31).

Também se constitui como um ator político fundamental o Movimento Negro Unificado que se constrói a partir da articulação de várias entidades e organizações do movimento negro e se apresenta como um movimento, uma organização nacional. Como sinalizado por Gomes (2017) o MNU, movimento que permanece na luta no contexto atual, foi responsável por formar inúmeros intelectuais negros que são referências no debate acadêmico acerca da pesquisa das relações étnico-raciais.

Estes só são alguns movimentos e organizações que foram e são essenciais para o avanço do debate das relações étnico-raciais na sociedade brasileira nos mais variados aspectos e dimensões, na cultura, na política, na educação, etc. No entanto, apesar dos avanços, a necessidade da luta continua sendo um imperativo, já que não pararam de nos matar e também não pararemos de lutar.

Neste contexto pandêmico, como explicitado, esse processo de violência e morte da população negra se intensifica a tal ponto que não resta possibilidades a não ser ocupar as ruas. Com a palavra de ordem: "Se o povo vai às ruas durante a

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

pandemia, é porque o governo é mais perigoso que o vírus" foram organizadas diversas manifestações em vários estados brasileiros.

É necessário retomar um pouco alguns acontecimentos que marcaram a realidade brasileira para compreender os desdobramentos e construção das manifestações.

Dia 18 de maio de 2020, em São Gonçalo, João Pedro de 14 anos foi assassinado pela polícia dentro de casa enquanto brincava com seus amigos.

Dia 25 de maio de 2020, em Minneapolis nos Estados Unidos, George Floyd ao sair de um supermercado foi abordado por um policial branco que ajoelhou em seu pescoço até o assassinar.

Dia 2 de junho de 2020, em Recife, no Brasil, o menino Miguel Otávio de 5 anos, caiu do 9º andar do prédio da patroa, após ser deixado na responsabilidade de Sari Corte Real, primeira dama de Tamandaré, enquanto sua mãe passeava com os cachorros.

Dia 19 de novembro de 2020, em Porto Alegre, João Alberto, de 40 anos foi morto por dois homens brancos, um deles policial militar, em uma loja da rede Carrefour.

Dia 6 de maio de 2021, na favela do Jacarezinho, no Rio de Janeiro, 29 pessoas foram mortas em uma operação da polícia civil. A ação durou mais de 9 horas e foi considerada a mais letal da história da polícia do Rio de Janeiro. Se os policiais são brancos, as vidas ceifadas são todas negras. Vale ressaltar que a operação aconteceu após a suspensão das operações policiais pelo Supremo Tribunal Federal.

Esses fatos, somado às vidas de jovens negros que são ceifadas a cada 23 minutos, foi o estopim para a emergência de manifestações e protestos que tomaram as ruas de diversos estados brasileiros. Com a palavra de ordem: Vidas negras importam! Atos foram realizados em todas as capitais brasileiras denunciando o racismo e a violência policial que é gerida pelo estado racista e genocida. As manifestações contaram com a presença de diversas organizações e segmentos do movimento negro, de outros movimentos sociais, coletivos, partidos e sindicatos.

Para fins didáticos apresentaremos a seguir tópicos orientados com as palavras de ordem que marcaram as manifestações durante a pandemia e que expressam em







APOIO









si mesmas as reivindicações e pautas dos movimentos. Longe de fazer uma exaustiva análise desse processo que ainda está em curso, a proposta é conseguir apresentar de forma sistematizada as construções desse período de luta e resistência.

4.1 Vidas Negras Importam

As manifestações durante a pandemia começaram a ter maior adesão após os casos de violência policial que resultaram na morte de jovens e adultos negros, no Brasil e nos Estados Unidos.

Após a morte de George Floyd, nos Estados Unidos, uma série de protestos foram realizados pelo país e pelo mundo. No Brasil, no dia 31 de maio de 2020, as ruas foram ocupadas, seguindo todas as orientações sanitárias, para denunciar a violência policial que matou e mata a juventude negra a cada 23 minutos.

As frases: "Parem de nos matar" e "Vidas negras importam" foram palavras de ordem nas ruas das capitais brasileiras. Nas ruas estavam presentes diversas organizações e segmentos do movimento negro e outros movimentos sociais. Contou também com a presença de mulheres e mães que tiveram seus filhos assassinados pela violência policial.

No dia 07 de junho de 2020 outro protesto foi realizado novamente em diversas cidades brasileiras dando continuidade ao ciclo de protestos que ganhou força nas redes sociais e tomou conta das ruas. Nos atos, eram relembrados e denunciados as chacinas, massacres e violências vivenciadas pela população negra nos anos anteriores e os manifestantes denunciavam: "As mães negras não aguentam mais chorar".

Em meio às manifestações, outros atos pontuais foram sendo realizados, mas novamente a população retomam as ruas em novembro, no dia da consciência negra para manifestar, mais uma vez, a indignação e revolta contra a violência policial e o racismo que estrutura essa violência.

4.2 O presidente mata mais que o vírus

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

As medidas adotadas pelo governo Bolsonaro como a recusa da compra de vacinas, a diminuição do valor do auxílio emergencial, o menosprezo com que tratou a pandemia desde o início, a recusa das medidas sanitárias necessárias para redução do contágio do coronavírus, o descaso com o meio ambiente, o aumento do desemprego, o uso da violência, dentre tantos ataques à classe trabalhadora, que é majoritariamente negra foram inviabilizando as condições necessárias para reprodução da vida.

Com isso, não restou outra alternativa senão a construção de atos e manifestações. Com muitas críticas às manifestações por se caracterizarem como aglomerações, em um momento que requer o distanciamento social, a palavra que orientou os atos foram: "Quando o povo vai às ruas durante a pandemia é porque o presidente mata mais do que o vírus!"

Em 2021 já foram realizados cinco grandes atos com a chamada "Fora Bolsonaro!", "Vacina no braço, comida no prato!", "Nem de bala, nem de fome, nem de covid". O primeiro ato foi em 29 de maio, depois seguiram no dia 19 de junho, 3 de julho, 24 de julho e 18 de agosto. Com a chamada já prevista para o dia 7 de setembro. Os atos foram registrados em todas as capitais brasileiras e em várias cidades do interior, de acordo com a CNN Brasil. As palavras de ordem já expressam o conteúdo, as pautas e indignação dos manifestantes, que contam com a presença de movimentos sociais, de frentes populares, partidos, sindicatos e manifestantes independentes.

As manifestações acontecem quando o número de mortes por covid-19 já atingiu 577 mil pessoas, quando o percentual de desempregados alcança o recorde de 14,8 milhões. O auxílio emergencial com valor máximo de 375 reais e há o registro de uma alta no preço dos produtos de consumo básico, acrescido da alta no valor da energia elétrica e do gás de cozinha. A vacinação segue a passos lentos, apenas 24% dos brasileiros estão totalmente imunizados. Enquanto isso, o Estado coloca nas ruas, ou melhor, nas favelas, a polícia para potencializar essa política de morte adotada pelo governo atual.

5 CONCLUSÃO







APOIO











Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

Com base no exposto, foi possível constatar que neste momento pandêmico em que temos uma intensificação da política de morte do estado brasileiro, de precarização das condições de vida da população negra, de aprovação de emendas parlamentares que se constituem como retrocessos no âmbito dos direitos sociais e de total descaso com a saúde do povo preto, temos, por outro lado a população negra que resiste, que diferente do veiculado nos canais de comunicação, segue se contrapondo, manifestando sua indignação, sua consciência da realidade e exigindo seu direito de viver, de existir.

E o que isso significa, representa? O povo preto se organiza há muito tempo, registrar isso é fundamental para que consigamos compreender que a contribuição não reside única e estritamente ao âmbito imediato. Mas, ainda assim, podemos sinalizar que embora as respostas do governo não correspondem de fato, às reivindicações realizadas, é a pressão exercida pelos movimentos sociais que ainda vai possibilitar algumas garantias, como por exemplo, o auxílio emergencial, ainda que saibamos como o valor é insuficiente e como isto é utilizado como moeda de troca nesta conjuntura.

Todas as conquistas dos movimentos negros foram construídas ao longo de duros anos de luta e resistência. Neste sentido, a contribuição se ancora também como saldo e acúmulo de um processo organizativo coletivo. Assim, ressaltar que durante uma pandemia, que requer isolamento social como medida sanitária, o povo teve que ir às ruas para não morrerem de fome, de violência policial e sem vacina é uma denúncia desse governo genocida ao mesmo tempo que indica um povo que não aceita as imposições de morte pronunciadas e efetivadas pelo presidente.

Como nos diz o provérbio: "Não é a força do gotejar da água que fura a pedra, mas sim a persistência incansável desta ação". Deste modo, não é uma, ou duas manifestações que serão capazes de mudar esse contexto da realidade brasileira, mas sim o conjunto de ações, articulações e movimentos que poderão trazer novos horizontes e possibilidades, já que, como salientado por Gomes (2017, p.10) "O movimento é educador porque gera conhecimento novo, que não só alimenta as lutas















e constitui novos atores políticos, como contribui para que a sociedade em geral se dote de outros conhecimentos que a enriqueçam no seu conjunto".

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ALMEIDA, Silvio de. Racismo Estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CARVALHO; ORTEGAL. O extermínio e o antiextermínio da juventude negra no Brasil. In: ELPÍDIO; VALDO; ROCHA. **Desafios para o Serviço Social na luta antirracista**: questão étnico-racial em debate. São Paulo: Annablume, 2021.

DAVIS, Mike.; et al. **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020. Disponível em: https://terrasemamos.files.wordpress.com/2020/03/coronavc3adrus-e-a-luta-de-classes-tsa.pdf. Acesso em: 18 jul. 2020.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica:** biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N1 edições, 2020.

MOREIRA, Tales Willyan Fornazier. Serviço Social e Luta Antirracista: contribuição das entidades da categoria no combate ao racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual**. São Paulo: UCPA, 2018.

NEGRIS, Adriano. **Entre Biopolítica e Necropolítica**: uma questão de poder. Ítaca n.º 36 — Especial Filosofia Africana. Disponível em: file:///C:/Users/UFU/Downloads/31835-95183-1-PB%20(1).pdf. Acesso em: 28 jul. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: Clacso, 2005. Disponível em:http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sursur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 10 de jul. 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra, Portugal: Edições Almedina, 2020. Disponível em: https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro_Boaventura.pdf. Acesso em: 18 de nov. 2020.













